

A *tholos* do Cerro do Malhanito (Alcoutim). Resultados das escavações arqueológicas efectuadas

João Luís Cardoso

Universidade Aberta.

Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras

Alexandra Gradim

Câmara Municipal de Alcoutim

Introdução. Condições da descoberta, características geomorfológicas

A *tholos* do Cerro do Malhanito, perto do lugar do Monte da Estrada, da Freguesia de Martinlongo, concelho de Alcoutim, foi identificada por um de nós (A. G.), no decurso do acompanhamento de acções de repovoamento florestal, constando do respectivo Relatório apresentado ao Instituto Português de Arqueologia com o número de inventário A-225 (Gradim, 1999). Possui as seguintes coordenadas: 37° 23' 21" lat. N; 7° 51' 49" long. W.

Sobre os resultados das escavações deste importante monumento calcolítico, publicaram-se já dois trabalhos: o primeiro, destinou-se a dar a conhecer os principais resultados obtidos, incidindo especialmente sobre a arquitectura do sepulcro e considerações genéricas sobre a natureza de pelo menos uma inumação nele realizada, no Bronze Final / I Idade do Ferro, apresentado em 2003 ao 2.º Encontro de Arqueologia do Algarve. (Cardoso & Gradim, 2005). Este último aspecto, incluindo a publicação do espólio cerâmico que àquela ou àquelas pôde ser reportado, foi desenvolvido em estudo próprio, publicado por um de nós (J. L. C.) no volume de homenagem ao Professor Jorge de Alarcão (Cardoso, 2004). Faltava, no entanto, publicar o espólio calcolítico exumado, ainda totalmente inédito, bem como concluir a publicação dos materiais relacionados com a ocupação mais moderna do monumento. O presente trabalho destina-se a satisfazer aquele objectivo, apresentando e actualizando a discussão e as conclusões de tudo quanto até agora dele se publicou.

Do ponto de vista geomorfológico, o monumento implanta-se no topo de elevação da encosta esquerda da ribeira da Foupana, isolada por dois profundos meandros nela existentes, escavados em rochas do Carbonífero marinho, constituídas por alternâncias de xistos e grauvaques ("fácies flysh") (Fig. 1).

Tal cabeço constitui pequena rechã de um relevo mais importante, ao qual se encontra ligado através de pequeno istmo e de que constitui o seu prolongamento oriental. A sua localização parece, pois, ter sido determinada pelo marcado isolamento que o referi-

do relevo possuía, dominando, ao mesmo tempo, vasto trecho da ribeira, bem como vastos horizontes, excepto do lado meridional (Fig. 2).

A recente violação parcial que o monumento evidenciava, aquando da sua identificação, a que se somava o potencial aumento das probabilidades da sua destruição, decorrente do alargamento de um caminho rural, que lhe passa a poucos metros, determinaram a realização de escavações, de carácter preventivo.

Trabalhos realizados, resultados obtidos

Os trabalhos de campo decorreram de 19 de Agosto a 31 de Agosto de 2002, sob orientação do primeiro signatário, com a participação de jovens voluntários de Alcoutim, de Fernando Estêvão Dias, Técnico de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcoutim; Frederico Tátá Regala e Esmeralda Helena Gomes, alunos da Universidade Aberta e de Filipe Santos Martins, aluno da Universidade Autónoma de Lisboa.

Exceptuando a presença, do início ao fim dos trabalhos de campo, da Arqueóloga da Autarquia e co-autora da presente publicação e a colaboração do referido técnico de Arqueologia, cujos meios de transporte foram proporcionados pela autarquia, os trabalhos de campo decorreram sem outros quaisquer apoios, tanto oficiais como particulares.

No final da escavação, o monumento posto a descoberto – que, em profundidade, se afigurou em muito bom estado de conservação – foi devidamente preservado, tendo a área envolvente sido topografada, pelo GAT de Tavira, à escala de 1/200.

Os desenhos de estruturas, realizados no decurso e após as escavações, são da autoria de Alexandra Gradim e de Fernando Dias, tendo sido passados a limpo, em versão definitiva, por Bernardo Ferreira, que também se encarregou dos desenhos dos materiais arqueológicos que ilustram o presente trabalho.

O monumento, antes de se iniciar a escavação, apenas evidenciado pelos topos de alguns dos esteios da câmara, encontrava-se coberto de vegetação arbustiva e de inúmeros blocos soltos, resultantes da “despedrega” dos campos agrícolas envolventes, de que resultou o microtopónimo “Malhanito”, equivalente de pequeno montículo de pedras.

No final das escavações, verificou-se a existência de uma câmara de planta sub-circular, com 2,5 m de diâmetro médio, ligada a um corredor, mais baixo, orientado, como é usual neste tipo de monumentos, para Sudeste (Fig. 3), do qual se encontrava separado por uma laje de selagem, colocada transversalmente, reforçada do lado externo por duas outras, postas de cutelo (Fig. 4; Fig. 5; Fig. 7). Desta forma, pode concluir-se que a violação tardia do monumento, associada à sua reutilização, não foi efectuada ao longo do corredor – aliás mantido intacto, desde a última tumulação calcolítica – mas directamente, através da escavação da própria câmara.

O estreito e curto corredor, que não ultrapassava 0,80 m de largura, por 1,40 m de comprimento, apresentava-se apenas bem definido no sector mais próximo da câmara, através de pequenos esteios colocados verticalmente, de ambos os lados; em direcção à entrada, o tamanho dos esteios diminuía, e a sua posição no terreno afigurava-se mais irregular, dando a impressão que delimitavam pequeno átrio, a céu aberto (Fig. 3; Fig. 4).

A câmara encontra-se quase totalmente escavada no substrato geológico, pois apenas o topo dos esteios respectivos ultrapassam a superfície rochosa, que aflora a escassa profundidade (Fig. 4; Fig. 9). Com efeito, o substrato geológico, localmente constituído por xistos finamente folheados, do lado meridional, e grauvaques, do lado setentrional (Fig. 3), foi previamente escavado, segundo contorno correspondente à planta do monumento a construir, tarefa particularmente evidente na área meridional da câmara, a que se apresenta melhor conservada; do lado oriental, o topo dos esteios encontrava-se quase sempre partido, dando a falsa impressão que seriam de menores dimensões que os do lado oposto da câmara. Na verdade, originalmente, todos os esteios teriam alturas idênticas, cerca de 1,30 m (Fig. 6; Fig. 7).

O tombamento, para o interior da câmara, do esteio n.º 2, veio permitir duas verificações: a primeira, é que o tal fenómeno, devido a pressões externas, se verificou ainda com a câmara livre de depósitos, o que só seria possível numa altura em que a falsa cúpula ainda se mantivesse de pé; a segunda observação, corresponde ao modo como os grandes ortóstatos de grauvaque se colocaram, mediante a abertura de um roço no substrato geológico, o qual, internamente, seria regularizado por enchimento de terra e blocos, permitindo o encosto do monólito à referida superfície, contribuindo para a sua estabilidade. Esta técnica construtiva pode observar-se na Fig. 5, no espaço em falta entre os esteios n.º 1 e n.º 3, bem como no alçado das Fig. 6 e Fig. 7. Nestas duas últimas figuras, evidencia-se, também, o declive do substrato geológico, para Sudeste, o que terá favorecido a orientação da abertura do monumento para esse lado, por corresponder àquele onde seria necessário uma menor escavação do substrato.

No decurso da escavação da câmara do monumento, que ocupava a parte mais alta da elevação, observou-se a existência, disseminados ao longo de todo o enchimento, em profundidade, de inúmeros blocos de grauvaque, por vezes fortemente engrenados entre si, dando a impressão que teriam sido intencionalmente ali redepositados; com efeito, caso fossem o resultado do abatimento da falsa cúpula que cobriria a câmara, seria natural encontrá-los imbricados uns nos outros. E, com efeito, tais observações estavam correctas, porque, na camada basal desta parte do monumento, foi encontrada uma tumulação muito mais recente, como adiante se verá; desta forma, o rápido entulhamento da câmara deve reportar-se aos reutilizadores desta parte do monumento, após a inumação ali efectuada.

A continuação da escavação da câmara foi levada até se atingir o substrato geo-

lógico, inteiramente regularizado e aplanado (Fig. 3, Fig. 4). Desta forma, foi possível definir, em todo o seu comprimento, os dezassete esteios de grauvaque, de contorno subrectangular, estreitos e alongados, que a definiam. Estes esteios destinavam-se, simplesmente, a regularizar a parede da câmara do monumento, e não a conferir-lhe estabilidade, já que esta era assegurada pelo próprio substrato geológico onde aquela se encontrava escavada. O revestimento das câmaras de monumentos em falsa cúpula com ortóstatos alongados, é uma técnica reconhecida em muitos dos monumentos congêneres do Baixo Alentejo, nisso se diferenciando, por um lado, dos célebres monumentos alcalarenses, em que a parede das câmaras era constituída por pequenas lajes colocadas horizontalmente, prolongando-se até à cúpula e, por outro, dos monumentos da Estremadura do mesmo tipo, mas onde as câmaras eram definidas por grandes elementos pétreos, dispostos horizontalmente.

O corredor, como é frequente neste tipo de monumentos, encontrava-se definido por ortóstatos de menor altura; porém, ao contrário da câmara, que apesar das anteriores violações e reutilizações, se apresentava muito bem conservada, afigurava-se ainda intacto, não tendo fornecido quaisquer elementos associados à reutilização tardia do monumento. O chão desta parte do monumento apresentava-se parcialmente forrado por lajes irregulares, que terminavam no sector mais externo, correspondente ao provável átrio, a céu aberto. No decurso da escavação, observaram-se alguns elementos de grauvaque, estreitos e alongados, inclinados transversalmente, que poderiam corresponder à antiga cobertura do corredor, por sua vez tapada, conjuntamente com a câmara, pelo *tumulus*, que não se conservou, o qual seria, certamente, de pequena altura.

Espólio arqueológico

O espólio arqueológico exumado na *tholos* do Cerro do Malhanito evidencia uma única ocupação coeva da construção do monumento, muito pobre e esporádica, e uma outra ocupação, muito mais tardia e intrusiva, limitada à reutilização da câmara.

Com efeito, enquanto que, no corredor, os únicos materiais recolhidos remontam ao Calcolítico, já os níveis mais profundos da câmara forneceram um conjunto importante de fragmentos de recipientes muito finos, intensamente fracturados, reportáveis ao Bronze Final / inícios da Idade do Ferro (Cardoso, 2004). Tal realidade indica que, em tal época, o local foi reutilizado como local de enterramento, tendo-se, então, escavado o interior daquela parte do monumento, até ao fundo, sobre o qual se depositou pelo menos um corpo, cujos restos ósseos, muito incompletos, foram recolhidos, alguns deles ainda em posição anatómica (Fig. 10; Fig. 11; Fig. 12). Embora a sua datação pelo radiocarbono não tenha sido possível, por falta de colagéneo, a tipologia dos materiais arqueológicos – designa-

damente os cerâmicos – indica a integração cronológico-cultural referida. Fragmentos destes recipientes, embora concentrando-se nos níveis inferiores do enchimento da câmara (Fig. 3), espalhavam-se verticalmente, abarcando boa parte do enchimento, denunciando a intensidade dos remeximentos que, ulteriormente, mas em época recuada, ali foram praticados. Tais remeximentos estiveram, também, na origem da assinalável dispersão dos ossos humanos, muito incompletos e inclassificáveis, que, igualmente, se concentravam nos níveis inferiores do enchimento da câmara (Fig. 3).

Os mais representativos materiais arqueológicos conotáveis com a reutilização tardia da *tholos* do Malhanito foram já publicados (Cardoso, 2004); trata-se dos recipientes cerâmicos das Fig. 13, Fig. 14 e Fig. 15, cuja análise tipológica permitiu atribuir a reocupação funerária da câmara do monumento ao Bronze Final/inícios da Idade do ferro, com estreitas analogias ao mundo tartéssico inicial; por tal facto, dispensam novas descrições e comparações.

Os fragmentos de recipientes cerâmicos reportáveis ao aludido episódio de reutilização agora publicados pela primeira vez (Fig. 16), integram-se, sem dificuldade, no conjunto já conhecido; predominam, igualmente, as produções muito finas, as pastas duras e depuradas, sendo evidente o cuidado dispensado ao acabamento das superfícies dos recipientes, de coloração castanha a anegrada, muito lisas, de toque quase metálico e brilho acetinado. Exceptua-se um recipiente mais grosseiro (Fig. 16, n.º 5), pertencente a um vaso de colo fechado, que, contudo, se insere sem dificuldade no conjunto das produções da referida época.

Os restantes artefactos pertencentes à reutilização do monumento, foram já publicados, apresentando-se, agora, a sua localização e respectiva profundidade, no interior da câmara do monumento (Fig. 3). Assim, associados ao conjunto de ossos longos em melhor estado de conservação exumado no nível basal da câmara do monumento, recolheram-se três artefactos: trata-se de uma conta de cerâmica de cor de tijolo, de pasta muito fina e homogénea (Fig. 17, n.º 4), a qual se encontrava por baixo do conjunto osteológico (Fig. 11); de uma conta em seixo de grauvaque cinzento, com polimento em ambos os topos e perfuração assimétrica natural (Fig. 17, n.º 5), visível, junto a vários ossos longos, na Fig. 11; e de um arame curvilíneo de bronze, associado a um segmento de menor dimensão, atribuível eventualmente a uma fíbula anular hispânica (Fig. 17, n.º 6). Os outros dois artefactos recolheram-se perto um do outro, mas já longe do conjunto anterior: trata-se de uma argola (ou anel) de bronze (Fig. 17, n.º 7) e de um alfinete, com cabeça em calote de esfera, incompleto (Fig. 117, n.º 8).

A dispersão, registada na Fig. 3, dos artefactos aludidos, pelos níveis mais profundos da câmara do monumento, nada nos diz sobre a sua primitiva posição, tendo presente os intensos remeximentos que conduziram à redução dos recipientes cerâmicos a fragmentos minúsculos. Importa registar que a conta com perfuração natural de grauva-

que (Fig. 17, n.º 5), tem o seu único paralelo conhecido em exemplar recolhido no monumento megalítico n.º 3 do Lousal, Grândola (Ferreira & Cavaco, 1955/1957, p. 198), exposta no Museu do ex-Instituto Geológico e Mineiro. A presença desta conta, no referido monumento megalítico, faz crer numa reutilização deste, aliás sugerida por outros artefactos claramente do Bronze Final, ou já da Idade do Ferro, no conjunto daqueles monumentos (Cardoso, 2004).

A assinalável quantidade e diversidade dos recipientes reportáveis a esta reutilização, faz crer que correspondam a mais de uma deposição funerária, no nível basal da câmara, assim se explicando a sua escavação integral, com o respectivo enchimento retirado e espalhado no exterior, até se ter atingido o substrato geológico, sobre o qual assentava o chão primitivo do monumento, constituído por camada argilosa compactada, amassada com pequenos fragmentos de xisto e de grauvaque.

Os artefactos calcolíticos primitivamente existentes no interior do monumento, conheceram dois processos distintos: os que se encontravam na câmara, foram completamente removidos para o exterior, aquando da reutilização daquele sector do monumento; destes, apenas uma parte foi de novo introduzida no seu interior; apenas os materiais que se encontravam no corredor não conheceram assinaláveis perturbações, tendo em conta que aquele sector da *tholos* não sofreu remeximentos ulteriores. Seja como for, a escassez dos materiais atribuíveis ao Calcolítico, sublinha o diminuto número de tumulações efectuadas no monumento, mesmo tendo em conta as fortes perturbações de origem antrópica referidas.

Com efeito, da área da câmara provém apenas um pequeno escopro de anfibolito, totalmente polido, com excepção do talão, provavelmente destinado a encabamento (Fig. 17, n.º 1), e sem sinais de utilização. Esta peça provém dos entulhos que colmataram a câmara do monumento, tendo sido recolhida em um nível superior aos que correspondem às deposições do Bronze Final/inícios da Idade do Ferro (Fig. 3).

As restantes três peças calcolíticas provêm da área do átrio e do corredor. À entrada do átrio, jazia, a pequena profundidade, fragmento de enxó (ou de pequeno sacho), totalmente polida, de rocha fina (grupo dos xistos verdes), de que se conservou apenas a parte correspondente ao gume. Este, que apresenta intensos sinais de utilização, por percussão directa, na face ventral, indica que a peça foi depositada já utilizada, e, eventualmente, partida intencionalmente, acto que resultou na pequena porção recolhida (Fig. 17, n.º 2). Com efeito, embora a maioria dos exemplares de pedra polida recolhidos em sepulcros neolíticos e calcolíticos do sul do actual território português se encontrem inteiros e, muitas vezes, intactos, prontos a usar, alguns outros ostentam fracturas que só poderiam ter resultado de choques violentos, levantando a questão da intenção de se depositarem nos sepulcros já sob a forma de fragmentos inutilizáveis, claramente contraditória com o princípio anterior. No caso presente, ter-se-ia uma destas situações: ao artefacto intacto

depositado na câmara, contrapor-se-ia este exemplar, com evidentes marcas de uso e, eventualmente, partido intencionalmente (uma pequena esquirola destacou-se da sua face dorsal, no decurso da sua descoberta e extracção do terreno, não se confundindo com a fractura pré-existente, que o secciona transversalmente). Enfim, a posição desta peça, à entrada do átrio do monumento reforça a existência de oferendas depositadas a céu aberto, no exterior dos monumentos, cuja existência só começou a ser conhecida, em muitas regiões do actual território português, a partir do momento em que se passaram explorar a totalidade dos montículos funerários, e não apenas a sua estrutura interna: é o caso de alguns dos megálitos do sul da Beira Interior, recentemente investigados (Cardoso, Caninas & Henriques, 2003). Contudo, não se pode rejeitar definitivamente a hipótese de violação antiga deste sector do monumento, sugerida pela recolha de fragmento de cerâmica lisa calcolítica, incaracterística (Fig. 3).

Apesar de se tratar de um monumento, onde a ocorrência de artefactos ideotécnicos seria esperável, apenas se recolheu um objecto pertencente a esta categoria, o que reforça a sua escassa utilização funerária. Trata-se de um pequeno seixo achatado de grauvaque, de contorno piriforme, com o comprimento máximo de 6,8 centímetros possuindo, de ambos os lados, dois entalhes opostos, feitos com um ponta dura (Fig. 17, n.º 3); jazia a 0,44 m de profundidade, numa posição não muito distinta da original, encostado, à entrada do corredor, e do seu lado direito (Fig. 3). Este objecto assumiu, deste modo, com notável uma economia de gestos, forma marcadamente antropomórfica, já que as duas concavidades assim obtidas serviram para separar a base, larga e arredondada, da parte superior, de contorno sub-triangular. É evidente a analogia formal do ídolo assim obtido a exemplares homólogos do Sudeste, ditos de “tipo El Garcel” (Almagro-Gorbea, 1973), que já anteriormente foram paralelizáveis com uma grande conta de variscite recolhida na *tholos* da Tituaria, Mafra (Cardoso, Leitão & Ferreira, 1987), a qual se pode integrar no mesmo grupo tipológico. Tais ídolos são, por outro lado, formalmente semelhantes a exemplares de mármore recolhidos em Tróia por H. Schliemann desde a primeira ocupação pré-histórica ali reconhecida (Schliemann, 1880, p. 232). Naturalmente com estes últimos, poderá simplesmente tratar-se de convergência estritamente formal, verificada entre objectos sem quaisquer relações culturais entre si, facilmente explicável pela simplicidade da representação estilizada da figura humana que se pretendia com eles representar. A presente peça valeria, estritamente, pelo que representava, e não pelo seu valor intrínseco, decorrente da raridade ou beleza da matéria-prima em que é afeiçoada: um simples seixo de rio.

Importa valorizar a sua posição ritual, depositada de lado, à direita da entrada do corredor, com a cabeça voltada para a entrada do monumento: poderá simbolizar um espírito protector ou corporizar mesmo a alma de um dos escassos indivíduos ali sepultados, tendo, a tal propósito, paralelo nos conjuntos de pequenos bétilos agrupados no lado externo de algumas *tholoi* de Los Millares (Almagro & Arribas, 1963), os quais poderiam

representar, de igual modo, o espírito ou as divindades protectoras de cada um dos ali tumulados. Trata-se, deste modo, de uma interessante manifestação do sagrado e, que se saiba, única, no seu género, no território actualmente português.

Findas as escavações, o monumento, apesar do seu excelente estado de conservação em profundidade, contrariando as assinaláveis destruições recentes, que superficialmente evidenciava, possuía fragilidades estruturais, que punham em risco a sua conservação. Deste modo, para precaver danos evitáveis, devido à acção dos agentes meteorológicos, procedeu-se à protecção da estrutura posta a descoberta, seguindo metodologia já anteriormente descrita (Cardoso & Gradim, 2005), tendo em vista a sua valorização turístico-cultural, no quadro da constituição de diversos circuitos de visita, da iniciativa da Câmara Municipal de Alcoutim.

Discussão e conclusões

Neste último capítulo, revêem-se e actualizam-se as conclusões apresentadas em trabalho anteriormente publicado (Cardoso & Gradim, 2005).

A *tholos* do Cerro do Malhanito corresponde ao segundo monumento no seu género identificado e explorado, depois de, nos finais da década de 1980, se ter publicado a *tholos* da Eira dos Palheiros (Gonçalves, 1989, Fig. 6.5), distanciada cerca de 12,5 km para ESE e não a que, no trabalho dos autores de 2005 se indicou. Tal como este monumento foi relacionado com o povoado fortificado do Cerro do Castelo de Santa Justa (Gonçalves, 1989, p. 346), também o presente sepulcro poderá relacionar-se com o povoado do Cerro do Castelo das Mestras, dado a conhecer por V. S. Gonçalves, situado num cabeço cerca de 2,5 km para ENE. As semelhanças com a *tholos* da Eira dos Palheiros estendem-se, ainda, às características da implantação topográfica: também este sepulcro se localiza “na extremidade de um cerro, dominando um meandro da ribeira da Foupana” (Gonçalves, 1989, p. 342). Porém, ao contrário do ali observado, bem como na generalidade das *tholoi* do Baixo Alentejo, o corredor do monumento do Cerro do Malhanito é curto, terminando em um possível átrio, mal conservado e, por isso mesmo, apenas plausível. O pequeno comprimento do corredor tem, porém, paralelo mais próximo no monumento de Marcela, no litoral algarvio (freguesia de Cacela, concelho de Tavira). Com efeito, a planta que dele publicou o seu explorador (Veiga, 1886, Est. XII, n.º 2), sugere um monumento complexo, constituído por uma *tholos* de corredor curto, idêntica à agora estudada, a cuja entrada se encostou a cabeceira de um monumento megalítico de planta subtrapezoidal, do tipo “galeria coberta”, que tem no megálito vizinho de Nora, o seu melhor paralelo. Esta hipótese, recentemente admitida (Gonçalves, 2003), que faria com que a *tholos* fosse mais antiga que o megálito a ela geminado, carece de confirmação, dificultada pelo facto de ambos os

monumentos terem, entretanto, desaparecido. As escavações, actualmente em curso, em notável monumento megalítico, perto de Santa Rita, descoberto por David Calado, e por este gentilmente mostrado em Agosto do corrente ano, poderão contribuir para a clarificação da relação cronológico-cultural entre as duas estruturas funerárias identificadas no vizinho sítio da Nora. Seja como for, o complexo monumento da Nora representa paralelo que deverá ser registado. Outro paralelo, mais sugestivo, corresponde à *tholos* de Cerro do Gatão, Ourique (Viana, Ferreira & Andrade, 1961a). Trata-se, igualmente, de monumento com corredor curto, definido apenas por um ortóstato colocado de cada lado, antecedido por um átrio exterior, ao ar livre, como poderia observar-se no presente sepulcro.

Outra é a realidade expressa pelo monumento de câmara circular escavado perto de Castro Marim, no século XIX por António Mendes, colector da então Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal. Tal monumento era fechado, desprovido de corredor, como em estudo anteriormente publicado se teve oportunidade de demonstrar, em presença do original de António Mendes (Gomes; Cardoso & Cunha, 1994). Trata-se, isso sim, de um sepulcro semelhante a alguns dos identificados por G. e V. Leisner no Sudeste, e atribuídos, no âmbito da Cultura de Almería, a uma época anterior às *tholoi* daquela região (Leisner, 1945); e, com efeito, a datação de radiocarbono realizada sobre um das duas tíbias do provavelmente único indivíduo nele tumulado, indica a atribuição cronológica do sepulcro ao Neolítico Final.

A estrutura de selagem identificada no corredor, próximo da passagem para a câmara, tem, igualmente, paralelo em algumas *tholoi* do sul de Portugal, como a do Monte das Pereiras (Serralheiro & Andrade, 1961), que, a meio do corredor, e em estreita articulação com dois “batentes” laterais, possuía uma “porta” feita num ortóstato, que se encontrou tombada no interior do mesmo.

Ainda no concernente à arquitectura do monumento, assinala-se que a solução construtiva mais comum entre os cerca de vinte e seis monumentos inventariados seus congéneres explorados tanto no Baixo Alentejo e no Algarve, como no Alto Alentejo (Cardoso, 2002a), corresponde ao uso sistemático de elementos ortostáticos para delimitar as câmaras e os corredores, tal como o observado no caso em apreço; ao contrário, em alguns monumentos algarvios da necrópole de Alcalar, as estruturas foram definidas por elementos dispostos horizontalmente, técnica que parece ser exclusiva dos escassos monumentos calcolíticos estremenhos de falsa cúpula, embora os elementos líticos sejam de significativas dimensões, devido, em parte, à natureza da matéria prima disponível (blocos de calcário).

No respeitante ao espólio arqueológico, regista-se a sua evidente exiguidade, aliás já conhecida em outros monumentos do sul de Portugal, a começar pela vizinha *tholos* da Eira dos Palheiros, a menos de 800 metros de distância; monumentos há que, apesar do seu excelente estado de conservação, como a já mencionada *tholos* do Cerro do Gatão,

Ourique (Viana, Ferreira & Andrade, 1961a), quase se encontravam desprovidas de espólio (este apenas deu um fragmento cerâmico e uma pequena lâmina de sílex, muito fruste), contrastando nitidamente com a abundância de materiais arqueológicos recuperados noutros monumentos análogos da mesma região, como a *tholos* de Monte Velho, Ourique (Viana, Andrade & Ferreira, 1961); a razão de tal realidade prende-se, antes de mais, com a escassa utilização funerária dada à maioria das *tholoi* meridionais (com algumas excepções, particularmente evidentes em Alcalar, apesar de aqui a utilização do espaço funerário se encontrar muito aquém do potencialmente disponível, como é indicado pela monumentalidade dos sepulcros): tal como no monumento em apreço, também na *tholos* da Eira dos Palheiros, apenas um máximo de duas deposições terão sido efectuadas (Gonçalves, 1989, p. 346). Enfim, na *tholos* do Monte do Outeiro, Aljustrel (Viana, Ferreira & Andrade, 1961b), apenas se identificou uma tumulação calcolítica. Tal escassez, pode estar relacionada com o estatuto dos indivíduos tumulados: por outras palavras, nem todos os elementos pertencentes a uma dada comunidade teriam direito a serem sepultados nestes monumentos, os quais seriam reservados para o segmento dominante: esta situação explicaria, segundo R. Parreira (comunicação verbal, 2007), a escassez de restos humanos nos sepulcros alcalarenses, contrastando, por um lado, com a importância do povoado correspondente e, por outro, com o carácter verdadeiramente colectivo identificado no hipogeu de Monte Canelas, situado nas proximidades e pertencente à época imediatamente anterior (Neolítico Final).

Seja como for, não obstante a pobreza do espólio, deve ser devidamente valorizada a presença do ídolo antropomórfico depositado ritualmente à entrada do corredor, o qual, sendo único no seu género em Portugal, possui paralelos estreitos com exemplares do Sudeste peninsular; aliás, a presença, no decurso do Calcolítico, na região algarvia, de peças verdadeiramente importadas daquela região – ou, em alternativa, dos artífices que as confeccionaram – foi recentemente comprovada pelo estudo do notável conjunto de ídolos de Pêra, Silves (Cardoso, 2002b).

Não deixa de ser singular a falta absoluta, no Cerro do Malhanito, de artefactos de pedra lascada (lâminas e, sobretudo, pontas de seta), bem como de materiais cerâmicos calcolíticos, que constituem geralmente parte significativa dos espólios funerários destes monumentos, embora a relação entre os dois grupos de matérias-primas não seja sempre proporcional; com efeito, alguns monumentos baixo-alentejanos possuem reportório cerâmico significativo, sem que tal seja acompanhado pela indústria lítica, como é o caso da *tholos* do Monte das Pereiras (Serralheiro & Andrade, 1961). Talvez, em parte, no caso em apreço, esta falta seja mais aparente que real, tendo presente o completo esvaziamento da câmara do monumento aquando da sua reutilização, com a fractura das peças cerâmicas, mais frágeis, e o fácil extravio dos artefactos líticos, por serem de menores dimensões.

Tal reutilização deu-se no Bronze Final / inícios da Idade do Ferro, nas condições

já descritas. Também para este fenómeno, são vários os paralelos encontrados, tanto no Bronze Final, como na Idade do Ferro do sul de Portugal, inventariados em estudo anterior (Cardoso, 2004): os exemplos mais expressivos são os das *tholoi* do Barranco da Nora Velha, Ourique (Viana, 1962) e do Monte do Outeiro, Aljustrel (Schubart, 1965); mas outros se poderiam citar, como o achado de uma fivela do tipo Acébuchal, segundo a classificação de E. Quadrado, no exterior da *tholos* do Cerro do Gatão (Almeida & Ferreira, 1967), ou as duas reutilizações no Bronze Final e na II Idade do Ferro da cista megalítica do Cerro das Antas, Almodôvar (Viana, Ferreira & Andrade, 1957). Tais situações têm, no vizinho território andaluz, estreitas analogias. Com efeito, também nesta vasta região do sueste peninsular se identificaram abundantes reutilizações de sepulturas colectivas calcolíticas (Lorrio & Montero Ruiz, 2004).

Contudo, os exemplos anteriores correspondem mais a adições de materiais aos primitivamente existentes, não requerendo limpezas e muito menos esvaziamentos de espaços sepulcrais anteriormente ocupados. É neste aspecto que ganha particular relevância o paralelo oferecido pela *tholos* da Roça do Casal do Meio, Sesimbra, onde, na câmara, foram identificados pelos escavadores, indícios de limpezas imediatamente antecedentes das duas inumações ali efectuadas no Bronze Final (Spindler *et al.*, 1973/1974, p. 117). Com efeito, após a discussão das diversas hipóteses que têm sido apresentadas para explicar a ocorrência deste monumento de arquitectura única, no contexto peninsular, para a época a que tem sido atribuído, e verificadas que as próprias características desta são substancialmente mais simples que as indicadas pelos seus escavadores, ganha corpo a possibilidade mais lógica, a de se tratar de uma *tholos* calcolítica reutilizada (Cardoso, 2004), tal como o caso em apreço, dele constituindo o paralelo mais próximo.

Os remeximentos no interior da câmara continuaram em épocas ulteriores, como se verificou noutros sepulcros megalíticos da região, realidade comprovada pela intensa fracturação dos recipientes do Bronze Final / inícios da Idade do Ferro. Com efeito, na vizinha povoação do Monte da Estrada, os escassos habitantes permanentes associavam a existência da *tholos* a uma antiga sepultura, sendo plausível que tal ideia tenha motivado alguma “exploração” em tempos pouco distantes, antecedendo os danos verificados na parte superior de alguns dos ortóstatos da câmara do monumento, que estiveram, aliás, na origem desta intervenção arqueológica.

É de assinalar que, provavelmente, terá sido apenas tumulado, no Bronze Final / inícios da Idade do Ferro, um indivíduo no monumento, cujo corpo foi depositado directamente sobre o chão primitivo da câmara; os restos antropológicos recolhidos, conquanto em muito mau estado de conservação, circunscrevem-se a algumas diáfises de ossos longos, mais resistentes, alguns ainda em conexão anatómica; apesar do seu mau estado, são, até ao presente, o único conjunto antropológico recolhido em sepulturas do tipo *tholoi*, tanto na serra algarvia, como em toda a vasta região confinante baixo-alentejana.

A terminar, crê-se que o cuidado dispensado à conservação da estrutura posta a descoberto, através das acções efectuadas, deve ser salientado, não apenas por se tratar de condição indispensável à manutenção da sua integridade, como ainda por viabilizar o seu aproveitamento turístico-cultural, no âmbito da constituição de diversos circuitos de visita, de iniciativa da Câmara Municipal de Alcoutim.

Enfim, importa referir que o difícil restauro dos materiais cerâmicos, indispensável para a reconstituição das formas originais, foi competentemente realizado no Laboratório de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcoutim pela Eng.^a Manuela da Palma Teixeira, a quem se agradece. A totalidade do espólio arqueológico recolhido dará entrada no Gabinete de Arqueologia da Autarquia.

Bibliografia

- ALMAGRO, M. & ARRIBAS, A. (1963) – *El poblado y la necropolis megalíticas de Los Millares (Santa Fé de Modújar, Almería)*. Madrid, CSIC (Bibliotheca Praehistorica Hispana, 3).
- ALMAGRO-GORBEA, M. J. (1973) – *Los ídolos del Bronce I Hispano*. Madrid, CSIC (Bibliotheca Praehistorica Hispana, 12).
- ALMEIDA, F. & FERREIRA, O. V. (1967) – Fechos e placas de cinturão, hallstáticos, encontrados em Portugal. *O Arqueólogo Português*, Série III, 1: 81-95. Lisboa.
- CARDOSO, J. L. (1992) – A lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*, 9/10: 89-225. Setúbal.
- CARDOSO, J. L. (2002a) – *Pré-história de Portugal*. Lisboa, Verbo.
- CARDOSO, J. L. (2002b) – Sobre os ídolos de calcário de Pêra (Silves) e o seu significado, no quadro do Calcolítico do sul peninsular. *O Arqueólogo Português*, Série IV, 20: 61-76. Lisboa.
- CARDOSO, J. L. (2003) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa, Editorial Verbo.
- CARDOSO, J. L. (2004) – Uma tumulação do final do Bronze Final / inícios da Idade do Ferro no sul de Portugal: a tholos do Cerro do Malhanito (Alcoutim). Em M. C. Lopes & R. Vilaça (Coord.), *O Passado em cena: narrativas e fragmentos. Miscelânea oferecida a Jorge de Alarcão*, pp. 193-223. Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (2003) – O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 11: 97-228. Oeiras.
- CARDOSO, J. L. & GRADIM, A. (2005) – A tholos do Cerro do Malhanito (Alcoutim). Resultados preliminares das escavações arqueológicas efectuadas. *Actas do 2.º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 18 e 19 de Outubro de 2003*, pp. 28-40. Silves (Xelb, 5).
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M. & FERREIRA, O. V. (1987) – Nota acerca de uma conta-amuleto encontrada no “tholos” da Tituaria (Mafra). *O Arqueólogo Português*, Série IV, 5: 89-99. Lisboa.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (2003) – Investigações recentes do megalitismo funerário na região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova). *O Arqueólogo Português*, Série IV, 21: 151-207. Lisboa.
- FERREIRA, O. V. & CAVACO, A. R. (1955/1957) – Antiguidades do Lousal (Grândola). Sepulturas descobertas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 15 (3/4): 190-202. Porto.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L. & CUNHA, A. S. (1994) – A sepultura de Castro Marim. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*, 80: 99-105. Lisboa.
- GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. Lisboa, INIC, Centro de Arqueologia e História (Estudos e Memórias, 2/1).
- GONÇALVES, V. S. (2003) – O Algarve Oriental no 4.º e 3.º milénios. *Tavira Território e Poder. Catálogo da exposição*, pp. 23-35. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia.
- GRADIM, A. (1999) – *Relatório das prospecções arqueológicas no âmbito dos projectos florestais* (inventário arqueológico, A-225). Alcoutim, Câmara Municipal de Alcoutim.
- LEISNER, G. (1945) – A Cultura eneolítica do sul de Espanha e suas relações com Portugal. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses (Arqueologia e História, Série VIII, 1).

- LORRIO, A. J. & MONTERO RUIZ, I. (2004) – Reutilización de sepulcros colectivos en el sureste de la Península Ibérica: la colección Siret. *Trabajos de Prehistoria*, 61 (1): 99-116. Madrid.
- SCHLIEMANN, H. (1880) – *Ilios: the city and country of trojans*. London, John Murray.
- SCHUBART, H. (1965) – As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*, 75 (1/4): 195-204. Guimarães.
- SERRALHEIRO, A. S. C. & ANDRADE, R. F. (1961) – O monumento megalítico do Monte das Pereiras. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 45: 503-511. Lisboa.
- SPINDLER, K., *et al.* (1973/1974) – Le monument à coupole de l'âge du Bronze Final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 57: 91-153. Lisboa.
- VEIGA, S. P. M. E. (1886) – *Antiguidades Monumentais do Algarve. Tempos pré-históricos*, 1. Lisboa, Imprensa Nacional.
- VIANA, A. (1962) – *Arqueologia Prática*. Beja, edição do autor.
- VIANA, A.; ANDRADE, R. F. & FERREIRA, O. V. (1961) – O monumento pré-histórico do Monte Velho (Ourique). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 45: 483-492. Lisboa.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. V. & ANDRADE, R. F. (1957) – Monumentos megalíticos dos arredores de Ourique. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 38 (2): 409-419. Lisboa.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. V. & ANDRADE, R. F. (1961a) – Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique. *Revista de Guimarães*, 71 (1/2): 5-12. Guimarães.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. V. & ANDRADE, R. F. (1961b) – Um túmulo de “tipo alcalarense” nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*, 71 (3/4): 247-254. Guimarães.

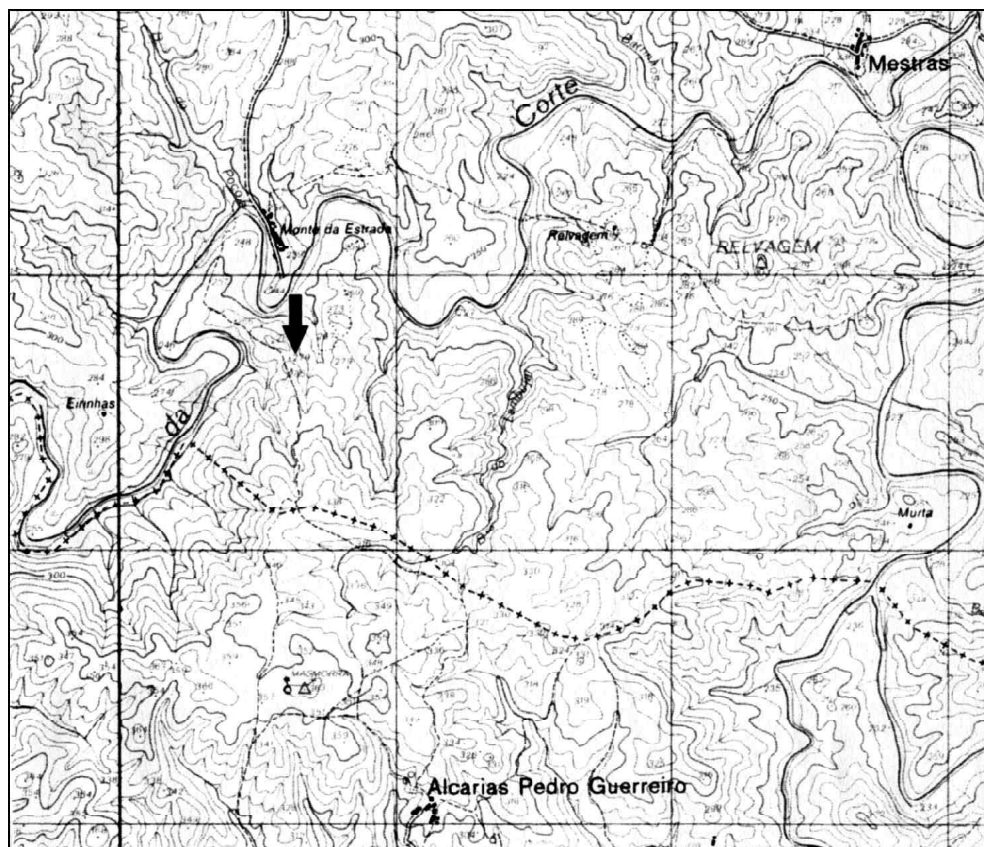


FIGURA 1. *Tholos* do Cerro do Malhanito. Localização na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000. Folha 581 Cachopo (Tavira), 2.ª edição (1978). Lisboa: Serviços Cartográficos do Exército.

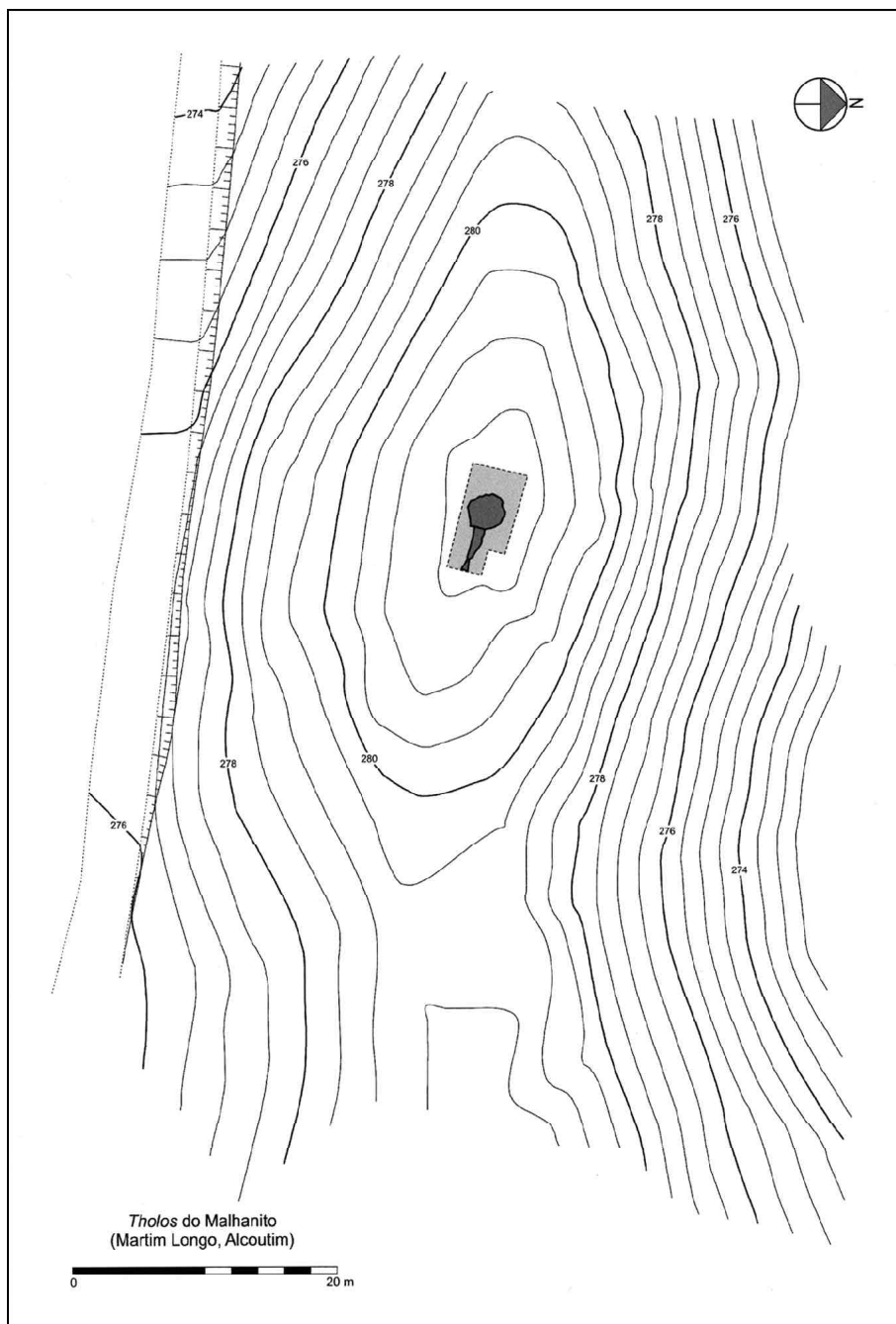


FIGURA 2. Tholos do Cerro do Malhanito. Levantamento topográfico da área envolvente, à escala original de 1/200 (realizado pelo GAT/Tavira).

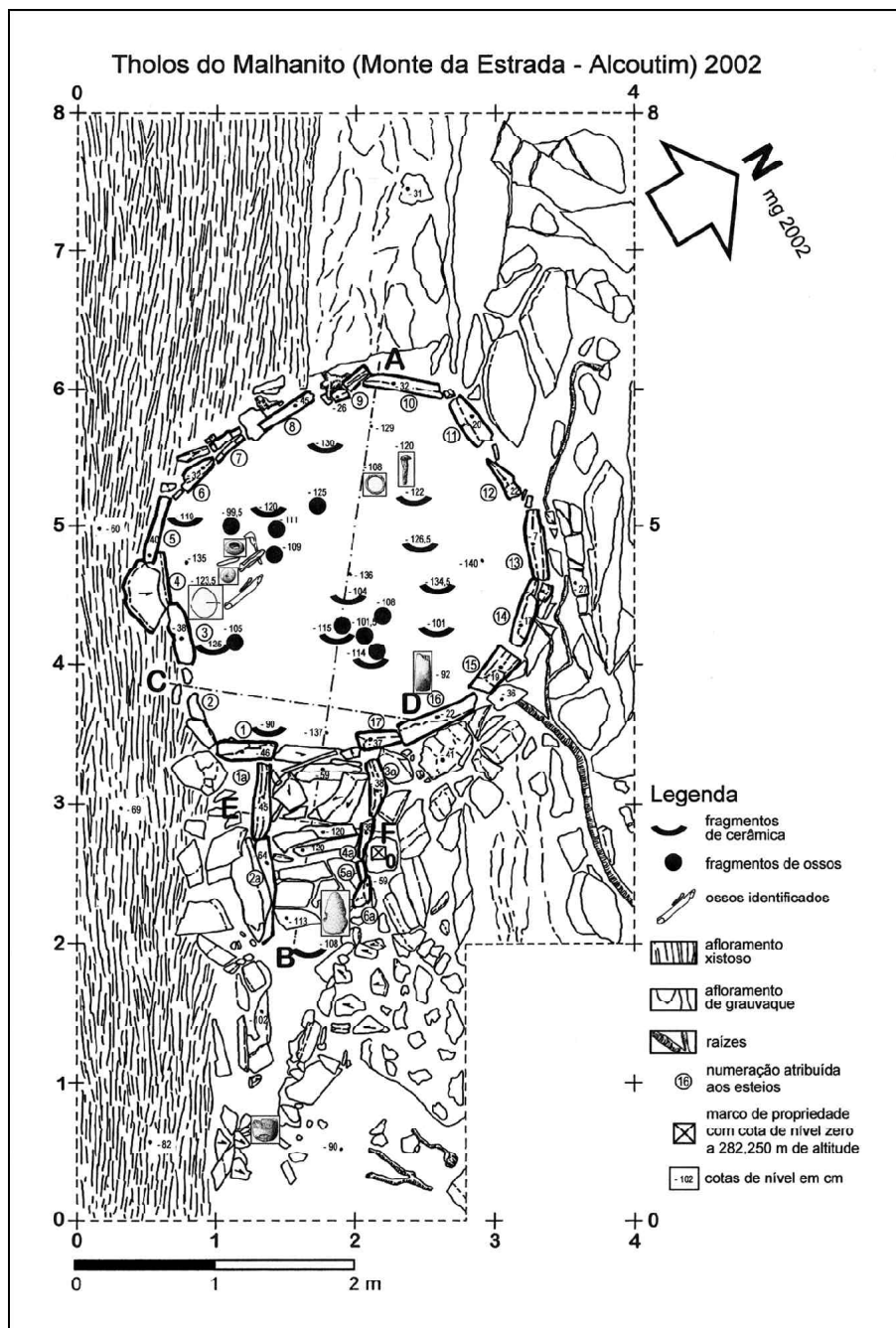


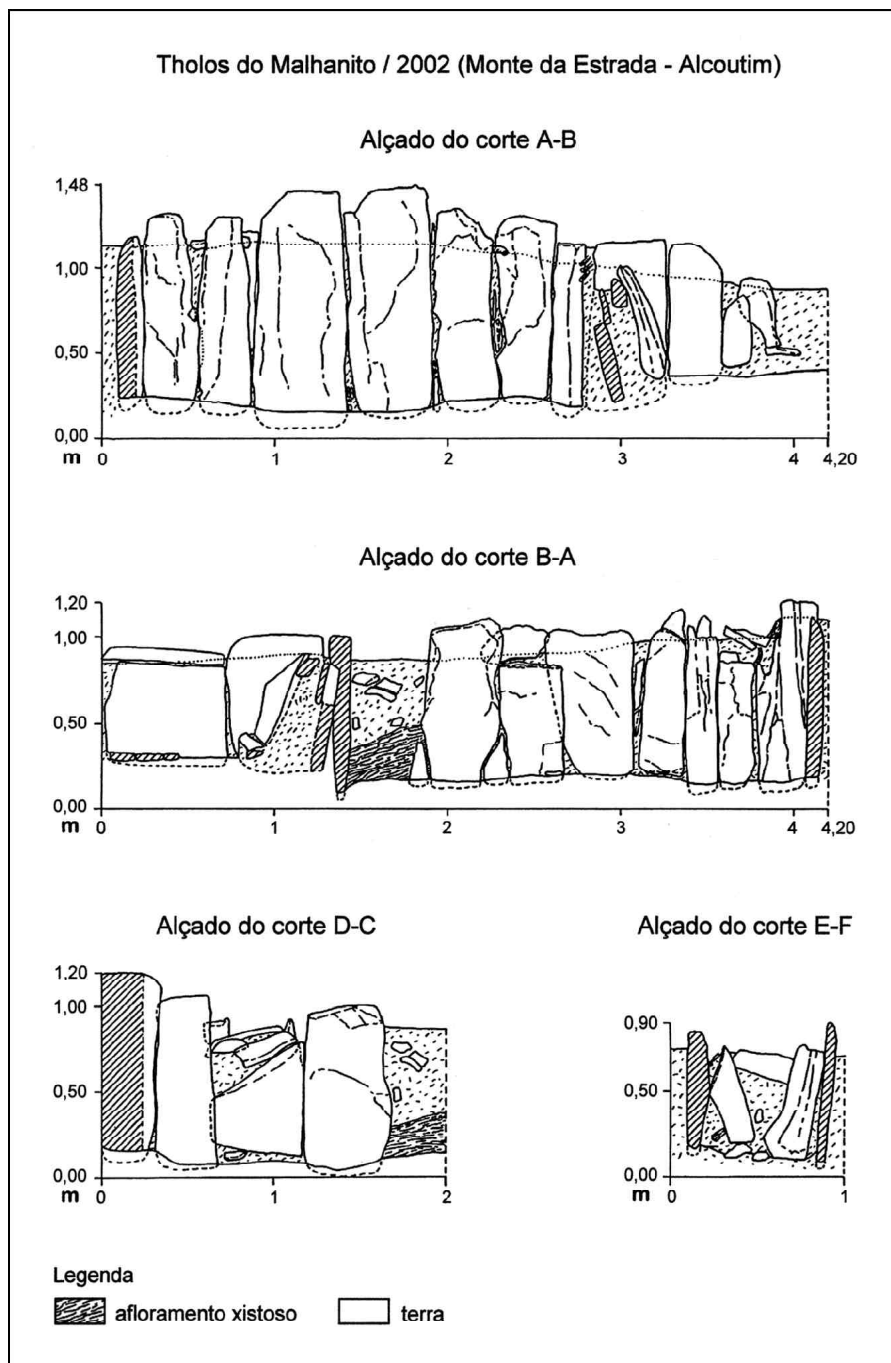
FIGURA 3. *Tholos* do Cerro do Malhanito. Planta do monumento e da área escavada envolvente, com a localização dos principais materiais arqueológicos exumados.



FIGURA 4. *Tholos* do Cerro do Malhanito. Vista geral do monumento, no final das escavações. Observe-se a diferença da litologia do substrato geológico, xistoso e finamente folheado, do lado esquerdo da figura; correspondente a assentadas de grauvaque, do lado direito da mesma. Em primeiro plano, observa-se o átrio, seguido do curto corredor e, em último plano, da câmara sub-circular e ligeiramente assimétrica, do monumento.



FIGURA 5. *Tholos* do Cerro do Malhanito. Aspecto geral da câmara do monumento, observando-se o substrato geológico regularizado, no seu interior, a laje de fecho da passagem ao corredor e, no local onde se encontra o quadro, a lacuna correspondente ao tombamento, para o interior, do esteio n.º 2. Note-se a fixação dos esteios de grauvaque ao substrato geológico, através de roço nele executado.

FIGURA 6. *Tholos* do Cerro do Malhanito. Alçados (ver Fig. 3).

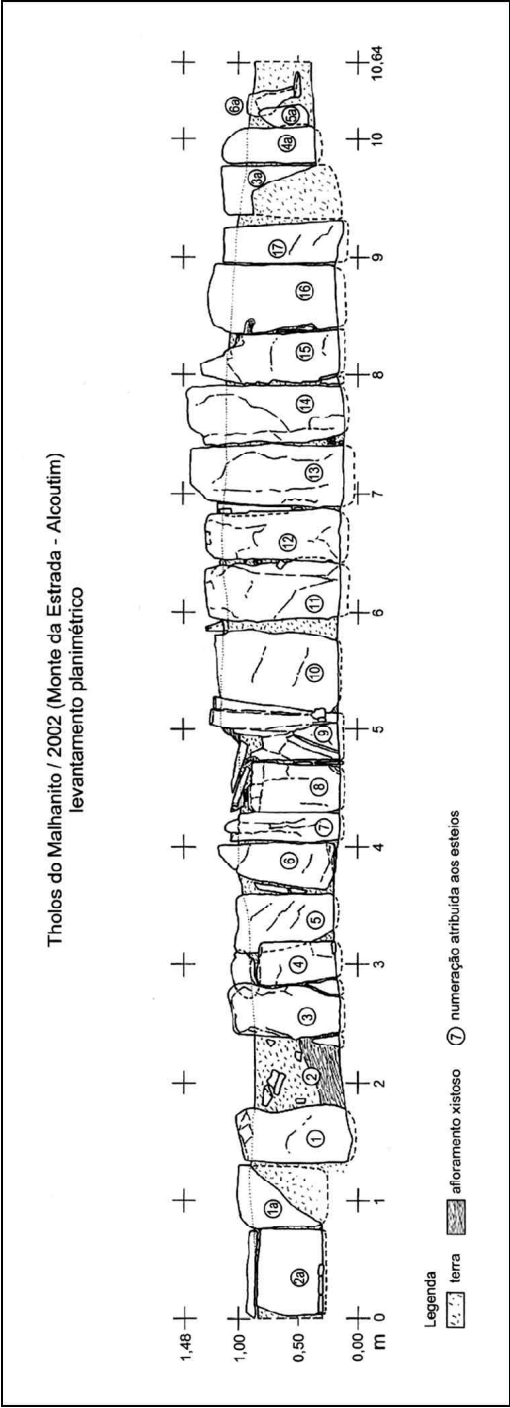


FIGURA 7. Tholos do Cerro do Malhanito. Levantamento planimétrico do corredor e câmara do monumento (ver Fig. 3).



FIGURA 8. *Tholos* do Cerro do Malhanito. Vista de Sudoeste, evidenciando-se a altura do montículo natural, onde se escavou parcialmente o monumento.



FIGURA 9. *Tholos* do Cerro do Malhanito. Vista de Sul, observando-se o monumento na paisagem envolvente. Note-se a existência, no interior da câmara, em curso de escavação, de abundantes blocos de grauaque dispersos desordenadamente.

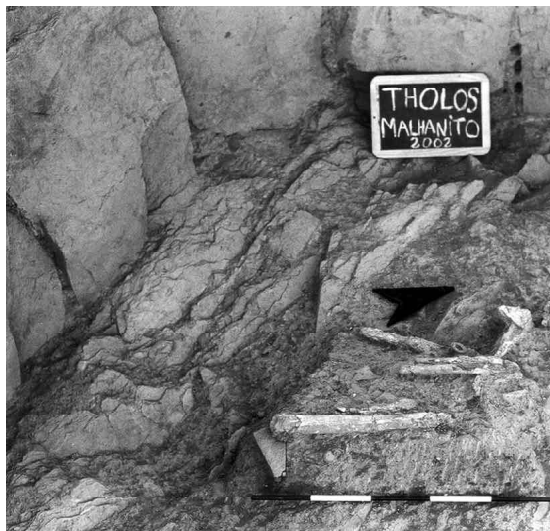


FIGURA 10. *Tholos* do Cerro do Malhanito. Vista do conjunto de ossos longos humanos, alguns deles ainda em conexão anatômica, assentes sobre o chão primitivo da câmara, cujos esteios laterais se observam em segundo plano, fixados ao substrato geológico por meio de roços nele abertos (ver Fig. 3, para a localização do conjunto osteológico no interior da câmara).

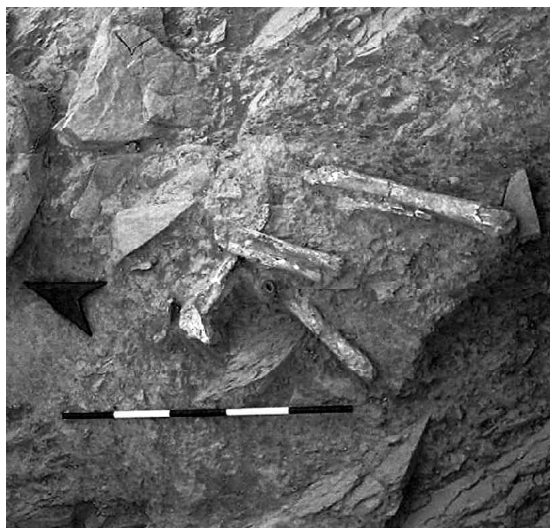


FIGURA 11. *Tholos* do Cerro do Malhanito. Pormenor do conjunto osteológico humano, associado a uma conta escura, de grauvaque, representada na Fig. 17, n.º 5.

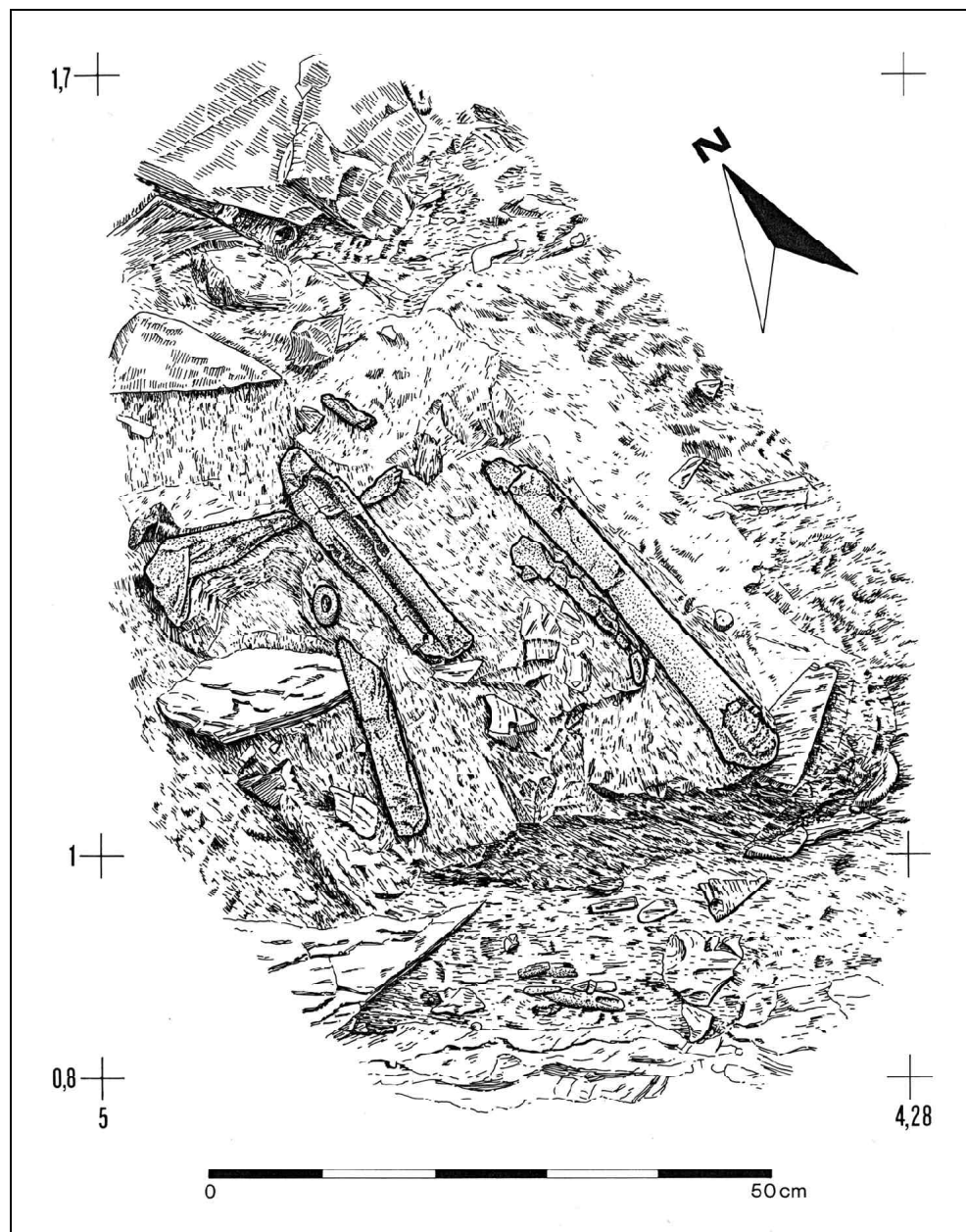


FIGURA 12. *Tholos* do Cerro do Malhanito. Desenho do conjunto osteológico humano representado na Fig. 11.

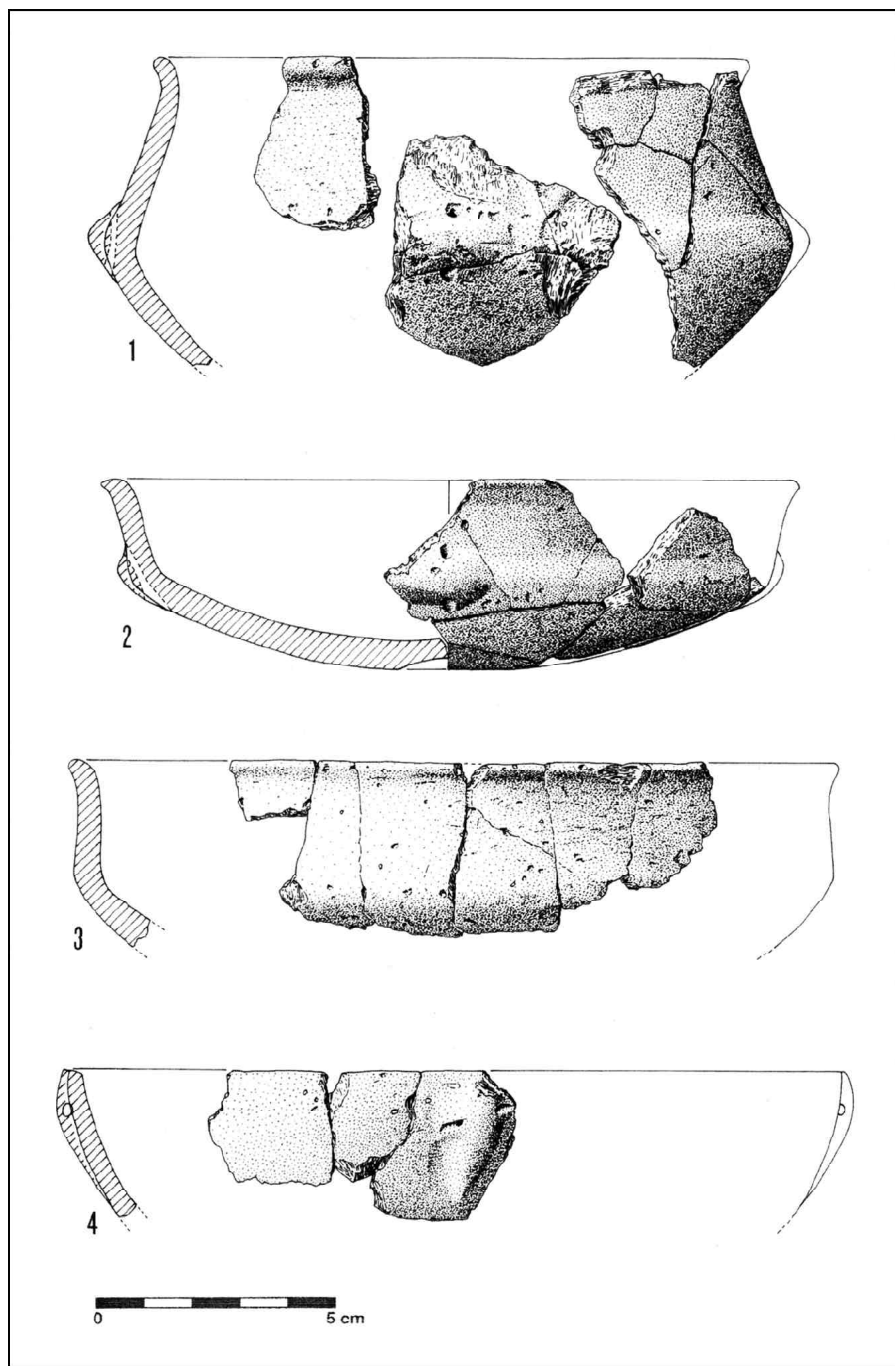


FIGURA 13. *Tholos* do Cerro do Malhanito. Recipientes do Bronze Final / inícios da Idade do Ferro.

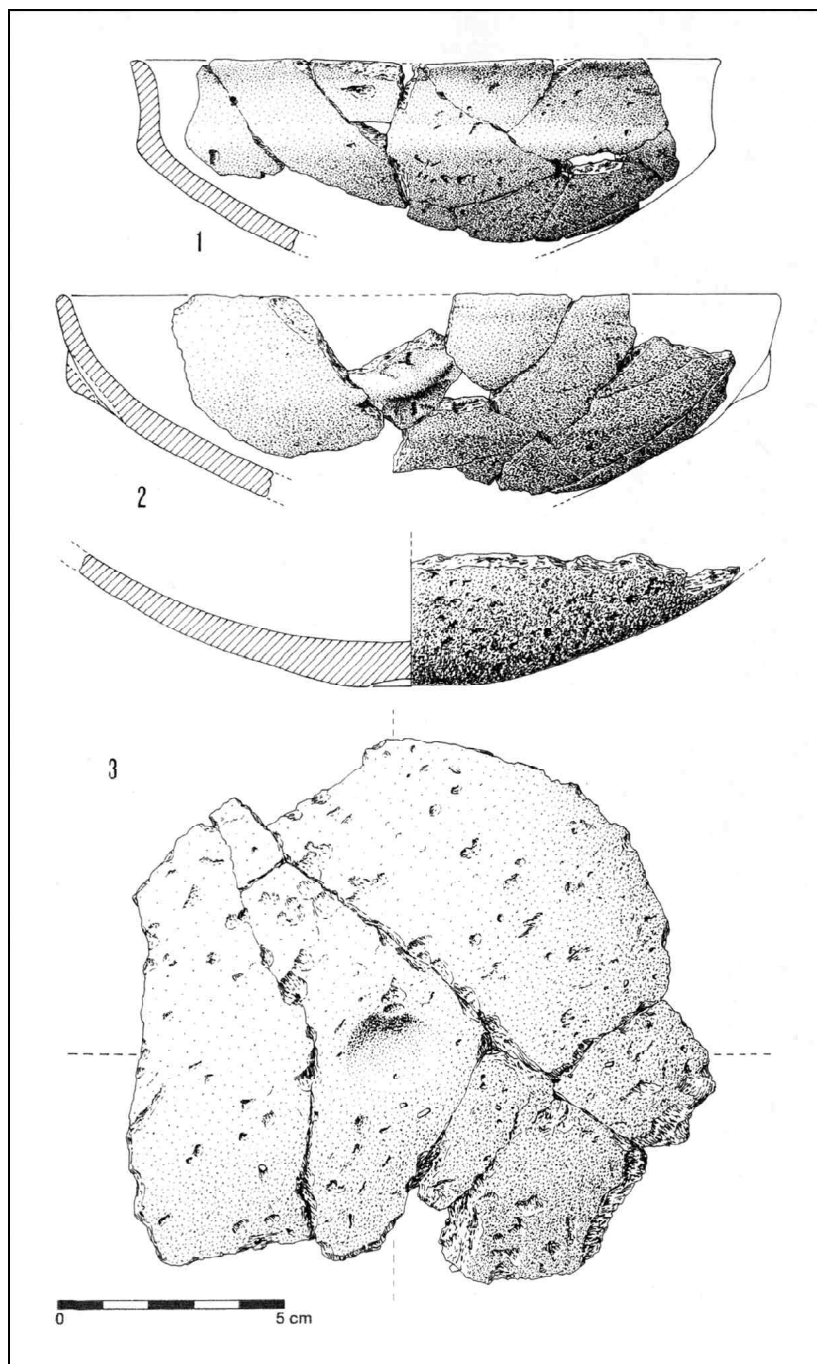


FIGURA 14. *Tholos* do Cerro do Malhanito. Recipientes do Bronze Final / inícios da Idade do Ferro.

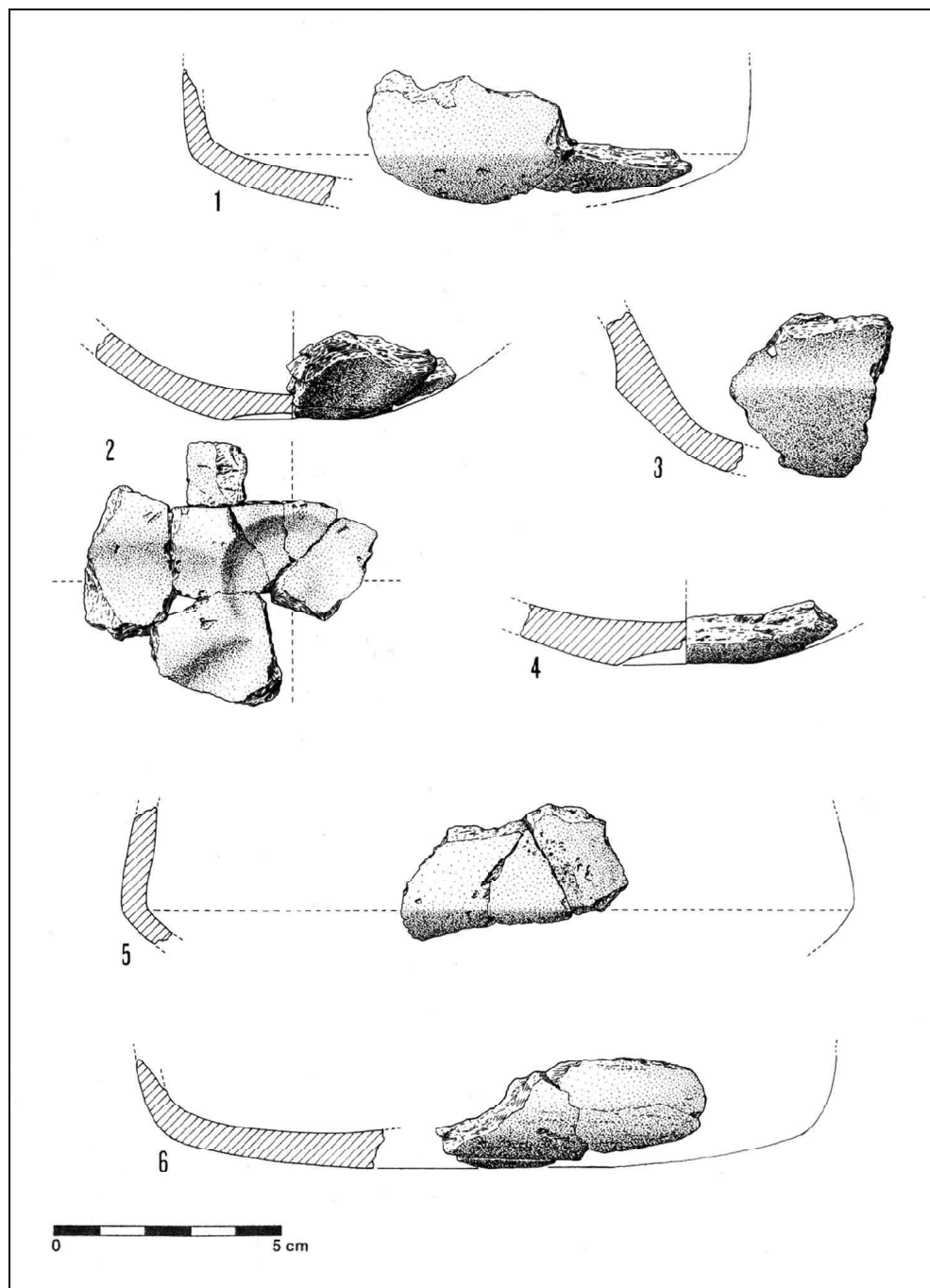


FIGURA 15. *Tholos* do Cerro do Malhanito. Recipientes do Bronze Final / inícios da Idade do Ferro.

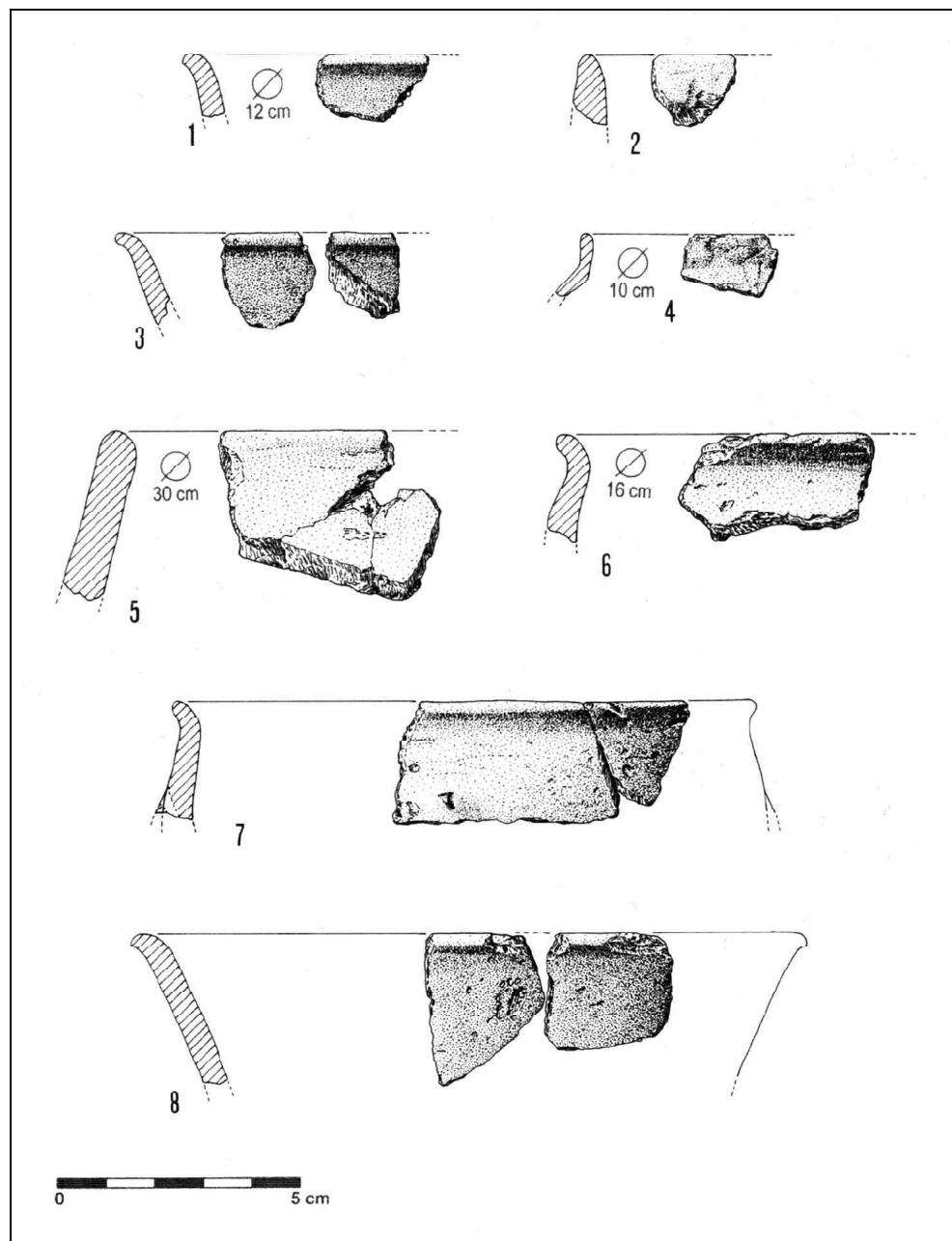


FIGURA 16. *Tholos* do Cerro do Malhanito. Recipientes do Bronze Final / inícios da Idade do Ferro.

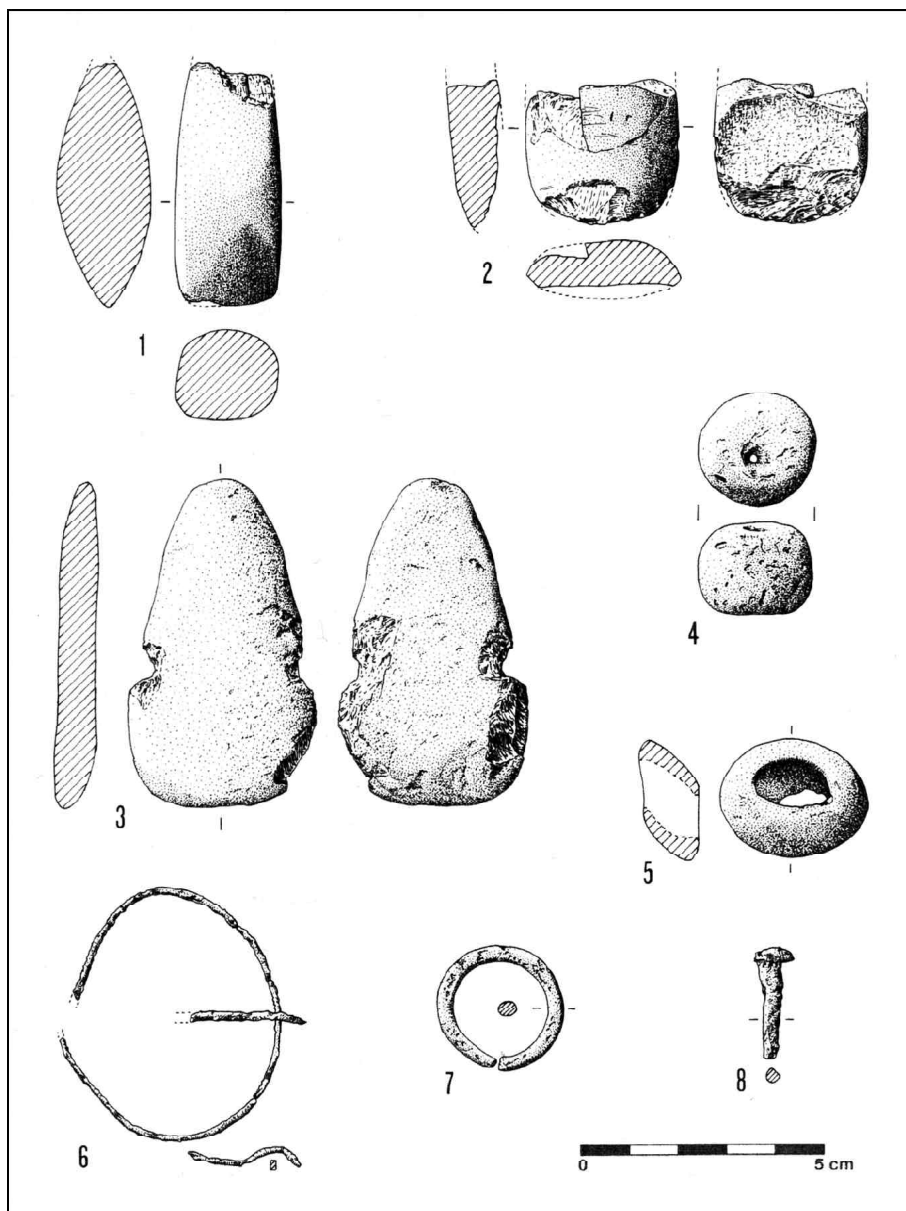


FIGURA 17. *Tholos* do Cerro do Malhanito. Materiais calcolíticos e do Bronze Final / inícios da Idade do Ferro (para a localização de algumas das principais peças, ver Fig. 3). 1 – pequeno escopro de anfíbolito; 2 – pequena enxó (ou sacho) de rocha de grão fino (xisto verde), com intensas marcas de utilização, por impacto, na face ventral e fracturada intencionalmente (?); 3 – pequeno ídolo antropomórfico executado em seixo rolado de ribeira; 4 – conta de barro de grão muito fino, recolhida sob o conjunto osteológico humano (ver Figs. 10 a 12); 5 – conta de grauvaque, com perfuração natural, associada ao conjunto osteológico humano (ver Figs. 10 a 12); 6 – arame curvo, de bronze, atribuível a fíbula anular, com o respectivo fusilhão; 7 – argola ou anel, de bronze; 8 – alfinete incompleto, de bronze, com cabeça hemisférica.